

GENTILEZA E AGRESSÃO NO ESPETÁCULO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO¹

Entrevista com Maria Aldina Marques

Kindness and aggression in the contemporary political spectacle

Maria Aldina Marques²
Universidade do Minho, Portugal

RESUMO: Nesta entrevista, a professora e especialista em análise do discurso político Maria Aldina Marques apresentou um panorama de suas pesquisas, com ênfase na análise do discurso político parlamentar. Ela descreve expressões e/ou palavras prototípicas empregadas nesse discurso, atenta aos seus efeitos de polidez, gentileza ou agressão. Ela também discorre sobre a importância, no ensino de língua portuguesa, do trabalho com esse tipo de forma linguístico-enunciativa. Por fim, observa o paradigma atual da comunicação política em sua relação com o humor, que visa a divertir para melhor comunicar.

Palavras-chave: Discurso político parlamentar; Mídia; Humor; Análise do discurso.

ABSTRACT: In this interview, the specialist in political discourse analysis, Maria Aldina Marques, presents an overview of her research, with an emphasis on the analysis of parliamentary political discourse. She describes prototypical expressions and words used in this discourse, paying attention to its effects of politeness, kindness or aggression. She also discusses the importance, in Portuguese language teaching, of working with this type of linguistic-enunciative form. Finally, she observes the current paradigm of political communication in relation to humor, which aims to have fun in order to better communicate.

Keywords: Parliamentary political discourse; Media; Humor; Discourse analysis.

¹ Entrevista realizada no dia 12 de setembro de 2018, durante o V CIAD - Colóquio Internacional de Análise do Discurso: *Discurso e (pós)verdade. Efeitos de real e sentidos da convicção*. Na ocasião, a entrevistada proferiu a palestra “A verdade dos outros: questões de responsabilidade enunciativa”. A equipe responsável pela produção, realização e retextualização da entrevista foi composta Maria Carolina Coradini, Pedro Turci, Leonardo Breda, Eder Coimbra, Ana Cecília S. Cava, Bianca M. Lopes, Emily K. Silva, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, na UFSCar, e por Luzmara Curcino e Vanice Sargentini, docentes no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística desta mesma universidade. A entrevista contou ainda com o apoio técnico de Jéssica de Oliveira e de Lívia Maria Falconi Pires, respectivamente doutoranda e doutora em Linguística pelo PPGL-UFSCar.

² Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Minho e mestre em Ciências da Educação por essa mesma instituição. É Professora Associada com Agregação no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Entre suas principais publicações, destacamos: *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar: a organização enunciativa no Debate da Interpelação ao Governo* (2000), *As Ciências da Linguagem no espaço galego-português: diversidade e convergência* (2016), e *Linguagens de Poder* (2019), publicadas pela Universidade do Minho.

1 Pesquisas e especificidades dos discursos políticos parlamentar e presidencial

Entrevistadores: Qual tem sido o tema ou objeto das suas pesquisas atualmente?

Maria Aldina Marques: Em minha pesquisa sempre me dediquei à análise do discurso político, em particular do discurso parlamentar³. Atualmente, tenho me interessado também pelo discurso político presidencial⁴. Em grupo, com colegas de outras universidades portuguesas, estamos a trabalhar sobre os discursos presidenciais que não têm sido muito trabalhados em Portugal, talvez pelo fato de que em um regime parlamentarista, como é o português, os discursos presidenciais sejam, em alguma medida, secundarizados face aos discursos de outras instituições políticas, como o parlamento e o executivo.

A consciência dessa marginalização inicial levou-me a repensar a importância do discurso político presidencial e a me dedicar a seu estudo. Além disso, por estar integrada em um grupo internacional europeu de pesquisadores, estamos a trabalhar com o discurso jornalístico durante o Estado Novo português⁵, o que também, de algum modo, está ligado ao campo do discurso político, porque tem a ver com a forma como a ditadura foi construindo, através dos veículos midiáticos, o seu discurso público. Tenho trabalhado também sobre os discursos orais do cotidiano⁶, que é um projeto antigo que tem avançado graças ao trabalho de alunos dedicados à recolha e constituição de um *corpus*, permitindo-me a posterior análise desses dados.

2 O efeito da cortesia no discurso parlamentar

Entrevistadores: Alguns de seus trabalhos exploram formas e usos semântico-pragmáticos específicos que emergem mais propriamente no discurso político parlamentar, como as formas linguísticas de expressão da polidez. Como tem demonstrado em sua pesquisa, essas formas tradicionalmente produzem um efeito de cortesia, de gentileza, mas isso não implica que elas não possam gerar um efeito contrário, um efeito agressivo. Como isso ocorre?

³ Cf. Marques (2000).

⁴ Cf. Marques (2017; 2020).

⁵ Cf. Duarte, Marques e Pinto (2017); ou ainda Duarte, Marques e Ramos (2018).

⁶ Cf. Momesso, Campato Jr., Marques e Corsi, (2018); ou ainda Sánchez Rei e Marques (2016).

Maria Aldina Marques: O discurso político, de modo geral, e o discurso político parlamentar em particular, quer seja nos debates, quer seja nos questionamentos ao Governo, assim como nos outros subgêneros que compõem o campo do discurso político, são majoritariamente de natureza ‘agônica’, ou seja, visam gerar o confronto. A função do parlamento é confrontar ideias. Por isso, é muito fácil encontrar expressões de descortesia neste tipo de discursos.

No discurso político parlamentar português é frequente a realização de ‘atos ameaçadores da face’ (BROWN; LEVINSON, 1987), mas também ocorrem outros tipos de atos, com valor positivo, atos de cortesia positiva, os *Face Flattering Acts* (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 153), como é o caso dos atos de elogio. Eles correspondem a uma estratégia interessante de construção da relação com o interlocutor. O elogio propriamente dito acontece, por exemplo, quando um deputado da bancada do Governo está a falar para o executivo, dado que fazem parte do mesmo partido. Essa é uma estratégia de promoção da ação governamental, criando com isso uma imagem positiva do Governo. Nessas circunstâncias, temos aí efetivos elogios a uma determinada ação política de um determinado ministro ou do Governo em geral. Quanto à oposição, ela expressa não propriamente atos de elogio, mas, sim, pseudo-atos de elogio, quando, por exemplo, dá os parabéns ao adversário, por alguma ação realizada, para, a seguir, fazer uma reviravolta e transformar esse ato de elogio num ato de crítica, num ‘ato ameaçador da face’ (MARQUES, 2008; 2019).

Encontrei muitos casos que mostram o uso dessa estratégia de ataque, que pode configurar um ataque *ad hominem*⁷. Lembro-me de um deputado que dizia para outro deputado da oposição algo como: “Senhor deputado, muito obrigado por ter trazido aqui a poesia de Sebastião da Gama, pois creio que foi o aspeto mais relevante e positivo do seu pedido de esclarecimento”. O locutor começa por fazer um ato de elogio para depois derivar para um ato de crítica muito claro, nesse caso, por meio de ironia, um dos procedimentos frequentes para se construir esses ‘atos ameaçadores da face’.

Isso não quer dizer que, de vez em quando, não haja um ato de agressão mais forte, com consequências perlocutórias imprevisíveis. No entanto, apesar do caráter agônico dos debates parlamentares, esse confronto verbal tem um limite, em grande parte estabelecido e baseado em uma tradição. A agressividade é, assim e de modo geral, uma agressividade regulada e permitida. Por outro lado, o ato de descortesia tem um “efeito boomerang”. Assumindo que um ‘ato ameaçador da face’, dirigido ao nosso interlocutor, pode de algum

⁷ Ato de atacar o caráter ou traços pessoais de seu interlocutor, em vez de refutar o conteúdo de seu argumento.

modo ser revertido por ele, e voltar-se contra nós, então, há que se cuidar da própria imagem nesse jogo estratégico, de modo que nele não se ultrapassem determinados limites.

3 Os pronomes de tratamento e a polidez ou agressividade protocolares

Entrevistadores: Ainda sobre a polidez, que palavras são mais prototípicas na sua manifestação como ato polido ou na sua versão agressiva? Em que medida o contexto político parlamentar é mais ou menos propício para esse tipo de transposição de um efeito a outro?

Maria Aldina Marques: Não há, assim, palavras que possam ser consideradas prototípicas da manifestação de polidez ou de agressividade, mas podemos encontrar formas linguísticas protocolares, ligadas à enunciação, das quais sobressaem essas dimensões de cortesia e descortesia, como no uso das formas de tratamento “o senhor”, “o senhor deputado” ou “os senhores”, entre outras.

As formas de tratamento usadas no parlamento português são uma categoria discursiva muito particular. São formas ritualizadas, formais, que fazem parte do protocolo parlamentar, mas que são usadas em contextos de agressividade. Essas formas de tratamento prototipicamente deferentes podem integrar ataques *ad hominem*, uma vez que ocorrem em enunciados que realizam atos de descortesia, do tipo, “o senhor deputado não sabe do que está a falar”, “o senhor deputado não está a dizer a verdade”, “o senhor deputado está a mentir”. As formas “o senhor” e, especificamente, a forma de plural “os senhores” apresentam também usos e valores muito peculiares. Como única forma de tratamento, ocorrem apenas em contextos de confronto (“os senhores não sabem o que dizem”, “os senhores são os culpados do que está a acontecer”), perdendo seu efeito básico de indicação de uma relação formal, de respeito, e reforçando o desacordo.

Esse funcionamento é bastante curioso, porque essas formas, enquanto escolha do parlamentar, têm apenas essa função de confronto. É por isso que são usadas para interpelar o adversário, um deputado, uma bancada parlamentar, ou ainda um ministro, um primeiro-ministro ou um Governo, se o locutor é da oposição. Por contraste, sobressai o fato de essas formas de tratamento nunca serem usadas por um locutor para se dirigir ao presidente do parlamento, à Assembleia da República. Ao presidente da Assembleia da República ninguém se dirige como “o senhor”, mas sempre “o senhor Presidente”, mesmo em situação de discordância. A razão é que o presidente da Assembleia da República Portuguesa não é um

adversário ou oponente no debate em curso, ele antes se individualiza por um papel comunicativo diferente, atuando como o “moderador” das interações parlamentares.

Entrevistadores: Em relação ao uso de pronomes de tratamento, pode-se dizer que há diferenças entre o português europeu e o brasileiro quanto à frequência e o tipo dessas formas empregadas?

Maria Aldina Marques: Restringindo-me ao discurso político parlamentar, de que tenho vindo a falar, há diferenças sem dúvida. Essas diferenças não se devem propriamente à existência de formas pronominais diferentes. Elas se dão sobretudo em função de seus usos. Por isso, temos de pensar em termos dos gêneros discursivos, das situações de enunciação e do contexto. No caso do discurso político, dou como exemplo a pesquisa que iniciei com outros investigadores e estudantes de doutorado sobre os discursos presidenciais. Embora não tenhamos ainda nenhuma sistematização, e mesmo considerando o fato de que os discursos de Final de Ano, que estou a analisar, são, no caso do Brasil, do presidente Lula da Silva, que tem um estilo que pode ser muito idiossincrático, observamos que há uma menor formalidade nos discursos brasileiros em relação aos discursos portugueses. Isso é particularmente evidente nos usos da forma de tratamento ‘você(s)’, presente nos discursos do presidente brasileiro e que nunca ocorre nos discursos presidenciais portugueses, onde a preferência é por outras formas pronominais, como o pronome ‘vós’, usado pelo presidente Jorge Sampaio, em 2005.

4 Ensino de formas linguísticas de cortesia e descortesia na educação básica

Entrevistadores: Em relação ao ensino, em especial ao ensino básico, como abordar o uso desses mecanismos linguísticos, empregados na expressão da cortesia ou da descortesia, no processo de ensino e aprendizado, especialmente na escrita?

Maria Aldina Marques: O ensino de língua, em especial da materna, não pode prescindir de considerá-la sempre dentro de um contexto discursivo. Não faz muito sentido fazer uma lista de formas de tratamento para ensiná-las, porque não funcionam de modo descontextualizado. A melhor maneira de trabalhar as formas de tratamento no ensino básico e secundário é pôr os alunos em contato com diferentes gêneros discursivos, depois analisar a construção do

discurso, tendo em vista todas essas dimensões da enunciação. A par disso, naturalmente, é preciso tratar a relação interpessoal dos locutores, a forma como o discurso é construído em cada interação e a importância das formas de tratamento nessa construção.

5 A espetacularização da política

Entrevistadores: Destacamos em um de seus artigos uma análise muito interessante de um aspecto da espetacularização e da midiaticização da política: a participação de candidatos em programas de humor, cujo grau de monitoramento do que enunciavam visava se beneficiar do humor. O subtítulo do artigo era “Política e humor: divertir para melhor comunicar”. Em que consistiu essa sua análise?

Maria Aldina Marques: É de fato o subtítulo de uma seção de um artigo que escrevi para a revista *Mots*, em 2013. Essa análise teve a ver com um caso muito particular na história das eleições portuguesas e com o período eleitoral de 2009. Havia, na altura, um grupo de humoristas, chamado ‘O Gato Fedorento’, que fazia imenso sucesso, e que resolveu fazer um programa televisivo, durante o período eleitoral, que se chamava “O Gato Fedorento esmiúça os sufrágios”. E foi muito interessante, porque eles se propuseram a convidar todos os líderes dos partidos que concorriam às eleições para participarem desse programa de entrevista. Muitos portugueses acharam que não ia funcionar, que havia políticos que nunca iriam, exatamente pela imagem pública e de seriedade a se preservar, e também por algum conservadorismo.

Curiosamente, da direita à esquerda, ninguém se recusou a participar. Todos foram ao programa, que era de humor, não de política. Uma explicação para isso é que, sendo um período de campanha eleitoral, todos, na verdade, queriam audiência. E tiveram-na. O país parou para ver o programa. Tratava-se de participar numa entrevista feita por um dos quatro humoristas do grupo, Ricardo Araújo Pereira. Ele teve muito cuidado com suas estratégias de cortesia, de não agressão, para que o humor suscitado fosse tal não de modo a se rir do candidato, mas para se rir com o candidato.

No entanto, a entrevista ocupava apenas os dez últimos minutos de um programa televisivo de meia hora, e os vinte minutos anteriores eram absolutamente destrutivos para o convidado. Ainda assim, todos os dirigentes políticos aceitaram ir, incapazes de dizer “não quero participar disso”. Sabiam que era um programa de humor, não foram para discutir

nenhum tema importante, foram para fazer uma conversa bem-humorada e, essencialmente, promover a imagem própria através do humor.

Sobressai desse episódio a importância de se estudar a espetacularização da política, pois o político mostra que para se ter sucesso, ou seja, se ter poder, é preciso ser visto nos meios de comunicação social, e é preciso que a comunicação política seja associada também à diversão. A mais recente versão dessa espetacularização passa, agora, pelas redes sociais, que se têm tornado um canal de difusão muito forte desses jogos de poder.

6 Marcas linguísticas e produção de efeito de verdade

Entrevistadores: Sobre a relação entre discurso e verdade, a análise de certos usos e formas linguísticos pode produzir o efeito de maior ou menor condição de verdade do que é enunciado?

Maria Aldina Marques: Sim, pode. Há um conjunto de estratégias discursivas que acompanham a questão da verdade ligada à objetividade e subjetividade. Como sociedade, nós pensamos que conseguimos ser totalmente objetivos e que a verdade decorre dessa objetividade. Ora, a objetividade absoluta não existe, existem discursos mais subjetivantes, outros mais objetivantes, num contínuo em que observamos mais marcas de subjetividade ou menos marcas de subjetividade (RABATEL, 2005).

O processo de apagamento enunciativo da voz do locutor, por exemplo, vai permitir um simulacro de maior objetividade. Uma asserção que não tem marcas que explicitem sua subjetividade, de algum modo aparece como desprendida de um olhar subjetivo e como sendo a verdade dos fatos. Obviamente nós, estudiosos da linguagem, em especial do campo dos estudos discursivos, sabemos que o discurso provém sempre de um olhar, de uma perspectiva dada, que tudo é sempre feito ou dito a partir de um olhar, o que quer que seja que possamos considerar que seja este olhar — pode ser um olhar singular, pode ser um olhar grupal, ou até as duas coisas ao mesmo tempo. E obviamente há todo um conjunto de mecanismos discursivos para criar essas ideias de objetividade ou de subjetividade discursivas.

Referências

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>

DUARTE, Isabel Margarida, MARQUES, Maria Aldina; PINTO, Alexandra Guedes. O discurso publicitário ao serviço da construção da identidade no Estado Novo: o caso de Mundo Gráfico. **REDIS: Revista de Estudos do Discurso**, n. 6, p. 97-116, 2017. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/3202>>. Acesso em: 5 maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.21747/21833958/red6a4>

DUARTE, Isabel Margarida, MARQUES, Maria Aldina; RAMOS, Rui Lima. Discurso científico e ideologia na revista do Estado Novo, Portugal colonial. In: DI GESÙ, Floriana; PINTO, Alexandra; POLIZZI, Assunta (orgs.). **Media, power and identity: discursive strategies in ideologically oriented discourses**. Palermo: UniPa Press (Palermo University Press), 2018, p. 17-34.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Variations culturelles et universaux dans le fonctionnement de la politesse linguistique. In: LUZZATI, Daniel; BEACCO, Jean-Claude; MIR-SAMII, Reza; MURAT, Michel; VIVET, Martial (orgs.). **Le Dialogique**. Bern: Peter Lang, 1997, p.151-160.

MARQUES, Maria Aldina. **Funcionamento do Discurso Político Parlamentar: a organização enunciativa no Debate da Interpelação ao Governo**. Braga: Universidade do Minho/CEHUM, 2000.

MARQUES, Maria Aldina. Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do Outro. In: OLIVEIRA, Fátima; DUARTE, Isabel Margarida (orgs.). **O fascínio da linguagem: actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008, p. 277-296.

MARQUES, Maria Aldina. Politique, humour et campagne électorale. Les enjeux d'une politique-spectacle. **Mots**. Les langages du politique, n. 101, p. 61-75, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/mots.21146>

MARQUES, Maria Aldina. Debate eleitoral português: presidencialização e estratégias de atenuação linguística em situação de confronto político. **Linha d'Água**, v. 30, n. 1, p. 9-33, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i1p9-33>

MARQUES, Maria Aldina. Discursos políticos presidenciais de Ano Novo. Gerir a incerteza. **Gragoatá**, [S.l.], v. 24, n. 50, p. 717-736, jan. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/34193>>. Acesso em: 06 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v24i50.34193>

MARQUES, Maria Aldina; DUARTE, Isabel Margarida. Formas de tratamento e preservação da face em interações verbais online. **Revista da APL**, n. 5, p. 236-249, 2019.

MARQUES, Maria Aldina; SÁNCHEZ REI, Xosé Manuel (orgs.) **Estudos atuais de linguística galego-portuguesa**. Corunha: Laiovento, 2019.

MOMESSO, Maria Regina; CAMPATO Jr, João Adalberto; MARQUES, Maria Aldina; CORSI, Fabricia Aparecida Migliorato (orgs.). **Leitura e Escrita**. Experiências e perspectivas a luz de uma abordagem discursiva. Porto Alegre: CirKula, 2018.

RABATEL, Alain. La part de l'énonciateur dans la co-construction interactionnelle des points de vue. **Marges Linguistiques**, M.L.M.S. Publisher, p. 115-136, 2005. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00433337/document>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SÁNCHEZ REI, Xosé Manuel; MARQUES, Maria Aldina (orgs.). **As Ciências da Linguagem no espaço galego-português: diversidade e convergência**. Braga: Universidade do Minho/CEHUM/Húmus, 2016.

Recebido em: 12 de fevereiro de 2020.

Aceito em: 17 de abril de 2020.

